

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *O Estado de São Paulo*

Class.: *131*

Data: *17 de Mayo de 1974*

Pg.: _____

Índio, um problema de consciência

A Sociedade Protetora dos Aborígenes, fundada na Inglaterra em 1837, divulgou em relatório de 201 páginas as conclusões a que chegaram os cientistas e etnólogos que visitaram, a convite do governo brasileiro, as principais tribos indígenas conhecidas no País. Afirma aquela entidade, merecedora do maior respeito, que, decididamente, não existe genocídio no Brasil. No entanto, assinala o relatório grandes falhas no programa de assistência aos grupos indígenas, falhas que precisam ser corrigidas, pois colocam em risco a sobrevivência de tribos cuja população hoje não ultrapassa 100 mil pessoas.

O documento, sereno e construtivo, analisa em alto nível as deficiências existentes e acusa diretamente a Funai de não dispor, em sua cúpula administrativa, de funcionários que tenham conhecimento aprofundado do problema. Declara-se no relatório que "o conselho indigenista, por exemplo, a partir de 1970, passou a ser integrado por elementos praticamente sem qualquer experiência com os índios". E, a seguir, ressalta que, talvez por isso, há muitas discordâncias na própria Funai sobre o melhor método de integrar o índio na sociedade nacional, acrescentando que a mencionada Fundação chegou ao ponto de condenar experiências válidas como a dos irmãos Vilas Boas, no Parque Nacional do Xingu, onde acertadamente se oferece ao aborígene a opção de integrar-se, ou não, na sociedade.

O documento agora divulgado — e já criticado pela Funai! — é de extrema importância, principalmente quando se anuncia a designação do general Ismarth de Araújo Monteiro para a presidência do órgão. Trata-se de um elemento, já integrante dos quadros da Funai, que tem a imensa responsabilidade de definir, afinal, uma política indígena, que não existe, hoje mais urgente do que nunca, quer do ponto de vista nacional quer em relação ao conceito que de nós faz o mundo. Na verdade, com a abertura das rodovias Tran-

samazônica, Perimetral Norte, Manaus-Porto Velho e, principalmente, a Cuiabá-Santarém (que veio seccionar o Parque Nacional do Xingu), o problema ganhou novas dimensões, transbordando do âmbito interno para o internacional.

Então, por haver procurado infantilmente esconder pequenos fatos, censuráveis mas não calamitosos, a Funai deu margem a que surgissem no Exterior críticas injustas, muitas vezes orientadas por elementos engajados na extrema esquerda, os quais desejam apenas criticar o governo brasileiro e denegrir o nosso país.

Hoje, com a abertura da Transamazônica e a intensificação dos investimentos em Mato Grosso, Goiás e em toda a Amazônia brasileira, carreando consigo não somente novas técnicas mas também aventureiros que buscam a fortuna, o problema indígena no Brasil converteu-se em mais um desafio para o próximo governo. Infelizmente, o general Geisel terá de deslindar uma situação confusa, caracterizada por incompreensões e desentendimentos, dentro da própria Funai, em virtude de aos sertanistas se recusar o diálogo e em vista da incompreensão de burocratas superados pela total carência de uma verdadeira política humanista. Será preciso começar tudo novamente, partindo da estaca zero. Em seu auxílio, o novo presidente contará apenas com a experiência dos sertanistas, muitos dos quais foram hostilizados pela administração da Funai, e com a sementeira de erros que explicam o atual clima de descontentamento e inquietação.

Entre os elementos indispensáveis à concepção de uma verdadeira e humanitária política indianista o governo federal precisa levar em consideração um fato de fundamental importância, até hoje não compreendido pela Funai: embora estradas sejam abertas e projetos pecuários aprovados, o índio ainda não constitui um obstáculo à integração da Amazônia nem à economia nacional. Contam-se ali poucos milhares de seres humanos imersos na selva virgem, área que se alarga por três milhões de quilômetros quadrados e que é por isso suficientemente ampla para que ne-

la todos continuem vivendo tranquilamente. Por que não preservá-los e admitir as suas culturas? Por que não fazer uma aproximação apenas quando as circunstâncias o forcarem, sem pressa nem precipitação, oferecendo-lhes a opção de se integrarem, ou não, utilizando-se sempre pessoas habilitadas, e não os simples mâteiros, que nunca se revelam os mais indicados para as primeiras tentativas de convivência com seres que paradoxalmente são, ao mesmo tempo, fortes em músculos, porém pouco resistentes às doenças do homem civilizado?

Nada de "aculturamentos dinâmicos" — uma descoberta bizarra do atual superintendente da Funai, general Bandeira de Mello, que nada entende do problema indígena. O índio brasileiro, além de merecer o respeito devido a qualquer ser humano, representa um patrimônio étnico que precisa ser conservado, não como "peça de museu" (ainda citamos o sr. general Bandeira de Mello), mas como um dos últimos depositários de uma cultura em via de extinção. Não se justifica o aceleramento dessa extinção apenas com o objetivo de aculturar os seus integrantes, se houver o risco — e há — de exterminá-los. Ao lado de deflições desta ordem (muitas outras existem que não cabem neste editorial), o próximo governo precisa restabelecer toda a estrutura técnica e administrativa da Funai, tirá-la da "torre de marfim" de Brasília, onde são desbaratadas as suas verbas, convertendo-a afinal num autêntico organismo de defesa do índio contra a sanha avassaladora dos que jamais os consideraram realmente como seres humanos e somente almejam "absorvê-los", invocando falsos argumentos humanitários.

A Funai nada fez de positivo e de construtivo. E não o fez principalmente porque os homens que a dirigiram, ou dirigem, não estavam nem estão preparados, nem tampouco soube-

ram ouvir os sertanistas que conhecem intimamente o problema indígena.

A responsabilidade do novo presidente da Funai é imensa. Tem que saber, antes de tudo, ouvir. Não os burocratas que hoje dominam a Funai e quase nunca estiveram na selva, mas escutar os que viveram ali toda uma vida de abnegação. E que sofrem ao ver que todo o seu trabalho, reconhecido pelos maiores